

# MEMÓRIA E EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS EM WALTER BENJAMIN

*Memory and Education of the Senses in Walter Benjamin*

PRISCILLA STUART DA SILVA \*

[priscillastuart.di@gmail.com](mailto:priscillastuart.di@gmail.com)

Fecha de recepción: 18 de agosto de 2014

Fecha de aceptación: 21 de septiembre de 2014

## RESUMO

Este artigo pretende explorar a noção de *educação dos sentidos* nos ensaios *Diário de Moscou* e *Infância berlinense: 1900*, de Walter Benjamin, destacando o importante papel da memória como principal elemento formativo das esferas individual e coletiva. Pensamos que há no pensamento do filósofo berlinense uma nova configuração da sensibilidade fornecida pelas grandes metrópoles modernas e pelas figuras de resistência e de limiares, como a criança e o viajante nos textos analisados.

*Palavras-chave:* Educação dos sentidos, Memória, Walter Benjamin.

## ABSTRACT

This paper explores the notion of *education of the senses* in Walter Benjamin's *Diary of Moscow* and *Berlin Childhood: 1900*, highlighting the important role of memory as the main formative element of individual and collective spheres. We argue that Benjamin's thought identified a new configuration of sensitivity rising in modern metropolis, as well as in the figures of resistance and of thresholds, such as the child and the traveler.

*Key words:* Education of the senses, Memory, Walter Benjamin.

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil).

O importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência.

Walter Benjamin

A memória é sempre colocada lado a lado com a experiência autêntica, juntamente com a categoria de tempo histórico e narração no pensamento de Walter Benjamin. Previamente torna-se importante destacar que a memória é, nesse entrecruzamento, de forma contínua, amparada pela experiência. É também diagnosticada na modernidade sob o signo da crise das estruturas históricas que formam o sujeito e, o mais grave de tudo, coloca em crise uma forma de conhecimento sobre o mundo, pois “é a mais épica de todas as faculdades”<sup>1</sup>.

A análise subjetiva, episódica e coletiva que Benjamin faz dessa faculdade revela a reminiscência como um dos elementos que conformam o caráter de transmissibilidade da memória. Longe de estar ancorada nos fatos, nos dados objetivos dos acontecimentos, a memória fundamenta-se no compartilhamento intersubjetivo de experiências autênticas, e para isso alia-se à imaginação para apropriar-se das histórias que são fabricadas no interior de uma comunidade humana qualquer.

A pergunta aqui parece ser esta ao iniciarmos este artigo: de que memória falamos quando analisamos o diário de Benjamin sobre Moscou<sup>2</sup> e suas lembranças de infância em *Infância berlinense: 1900*<sup>3</sup>? No fluxo do tempo histórico em questão, ou seja, o limiar de um século para outro (do XIX para o XX), percebemos uma nova configuração dessa faculdade por meio de sua escrita. Podemos reconhecer ainda o campo de tensões entre a tradição e as novas gerações, expresso à maneira do filósofo alemão.

Os dois ensaios analisados podem ser interpretados sob a perspectiva dessa “memória em primeiro plano”. Em primeiro plano porque a memória é o guia-chave na produção da escrita, já que esses textos são elaborados após a experiência na/com as metrópoles: a cidade de Berlim na memória infantil das lembranças do adulto Benjamin e a memória do viajante-relator em Moscou.

Nas duas obras encontramos tanto uma análise de uma história individual, de uma biografia particular, quanto de uma história coletiva – já que ao falar de Ber-

<sup>1</sup> Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*, trad. S. P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 2009, pág. 210.

<sup>2</sup> Cfr. Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, trad. H. Herbold, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>3</sup> Cfr. Walter BENJAMIN “Infância berlinense: 1900”, *Imagens de Pensamento*, trad. J. Barrento, Lisboa: Assírio e Alvim, 2004.

lim o autor conta a história dos costumes de uma época, das vicissitudes da virada de um novo século, e, ao falar de Moscou, também realiza uma análise sociológica de um país recentemente dominado pelo regime comunista.

Talvez fosse importante reproduzir as próprias palavras de Benjamin sobre *Infância berlinense: 1900* e todo o pano de fundo de sua produção, em uma carta endereçada ao amigo Gerchom Scholem:

“Aproveito esta situação, que apesar de toda a miséria ainda é relativamente estimável, para me permitir o luxo monstruoso de me concentrar exclusivamente, pela primeira vez desde quem sabe quando, numa única tarefa. O trabalho acima mencionado que estou fazendo com Speyer requer de mim apenas tarefas consultivas e constitui um descanso fascinante das minhas próprias ocupações. De resto, é o meu próprio descanso, pois escrevo o dia todo e às vezes também à noite. Mas se você imaginasse um manuscrito extenso, estaria cometendo um erro. É não só um manuscrito curto, mas também em pequenas seções: uma forma sempre inspirada, em primeiro lugar, pelo caráter precário, materialmente arriscado, da minha produção e, em segundo lugar, pela consideração de seu proveito comercial. Neste caso, essa forma parece-me decerto absolutamente necessária devido ao assunto. Em suma, trata-se de uma série de notas à qual darei o título de *Berliner Kindheit un 1900* [“A Infância Berlinense por Volta de 1900”]. A você quero também apresentar o lema: *O braungebackne Siegessäule/Mit Winterzucker aus den Kindertagen* [“Ó Coluna triunfal tostada ao fogo/Com açúcar de inverno dos dias de infância”]. Um dia, espero poder contar-lhe a origem deste verso<sup>4</sup>. O trabalho está terminado em sua maior parte e poderia, num tempo curto, influenciar bastante favoravelmente à minha situação financeira, se as minhas relações com o *Frankfurter Zeitung* não tivessem sido cortadas repentinamente há alguns meses, em consequência de uma constelação totalmente inexplicável, que até agora não pude sondar. De resto, porém, espero destas recordações de infância – você provavelmente notou que elas não têm forma de crônica, mas representam expedições individuais às profundezas

---

<sup>4</sup> Cf. Scholem, numa nota de rodapé, explica a origem desses versos: “Como descobri mais tarde, ele o anotara numa espécie de poema surrealista, ao sair de um êxtase provocado por haxixe”. Gerschon SCHOLEM, *Walter Benjamin: a história de uma amizade*, trad. G. Gerson de Souza et al, São Paulo: Perspectiva, 2008, pág. 188.

da memória – que possam ser publicadas, talvez pela Rowohlt, em forma de livro...”<sup>5</sup>

As “profundezas da memória” poderiam nos remeter ao aparato inconsciente da mente humana, mas deixaremos isso para outro lugar. Por ora, gostaríamos de enfatizar esse entrelaçamento dialético entre tempo-espaço em Benjamin, já que, em sua escrita, o ato de reavivar as lembranças do passado a partir de uma indução da memória parece diminuir a distância e mesmo reconverter a categoria de tempo em espaço. Os monumentos, lugares públicos e obras de arte às quais Benjamin se refere: varandas, Coluna da Vitória, Tiergarten, igrejas, o Kremlin, etc., são o encurtamento do tempo transformado em espaço na memória. Esses espaços públicos são formados pela memória individual e coletiva. Sua memória das cidades de Berlim e Moscou, em última instância, implica, segundo Weigel, na formação de imagens da história:

“[...] Cuando Benjamin – apoyándose en Freud – concentra su atención en cuerpos, cosas, mercancías, monumentos, topografía, etc., para considerarlos como símbolos del deseo y materializaciones de la memoria colectiva, vuelve a colocar ese material en una posición del lenguaje del inconsciente. Y, a la inversa, este procedimiento implica la introducción de un modo de observación – entrenado psicoanalíticamente – de determinantes históricos en la lectura del marxismo, que nos es ajeno al modo en que Benjamin hace hincapié en la relación expresiva (entre economía y cultura) en contraposición con la relación causal que Marx intentaba reproducir. Al mismo tiempo, puede decirse que este modo funda su lectura específica – basada en el psicoanálisis – de las imágenes de la historia”<sup>6</sup>.

O que essa passagem nos remete, ainda segundo a autora, é a quebra das distâncias entre o que é imagem e o corpo. Os monumentos e mercadorias que Weigel exemplifica como expressões da vida material são a extensão da memória tornada pública, do domínio do corpo no âmbito dos objetos, relativo ao domínio inorgânico, “donde el espacio de la imagen se presenta, al mismo tiempo, como el del cuerpo”<sup>7</sup>. Somente através da imagem dialética, pensa Benjamin, conseguimos

<sup>5</sup> Carta de Benjamin a Scholem, de 26 de setembro de 1932. Esta carta encontra-se também publicada na correspondência de Benjamin e Scholem pela Editora Perspectiva. In: Gerschom SCHOLEM, *Walter Benjamin: a história de uma amizade*, op. cit., págs. 187-188.

<sup>6</sup> Sigrid WEIGEL, *Cuerpo, Imagen y Espacio en Walter Benjain: una relectura*, Buenos Aires: Paidós, 1999, pág. 40.

<sup>7</sup> *Ibid*, pág. 50.

acessar o significado do passado e torná-lo cognoscível no presente<sup>8</sup>. E essa cognoscibilidade da imagem do passado no presente constitui a crítica ao agora. A imagem dialética, destarte, transforma o tempo numa constelação de encontros em que o agora é a categoria mais importante, por ser ela o lugar/momento da crítica.

Por conseguinte, tendo por horizonte a noção de crítica ao presente, podemos indicar a figura da criança – figura do âmbito privado, individual – como representante, precisamente, da expressão de proximidade entre os domínios do orgânico e do inorgânico. Ela mistura seu corpo aos objetos, confundindo-os numa mesma realidade. Isso nada mais é do que o reconhecimento mimético de semelhanças (*Ähnlichkeiten*), ideia que, no fundo, quer significar que tudo é corporalidade. Consequentemente, é o sujeito humano que reconhece essas semelhanças:

“[...] as crianças são inclinadas de modo especial a procurar todo e qualquer lugar de trabalho onde visivelmente transcorre a atividade sobre as coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente [...]”<sup>9</sup>.

Em *Infância berlinense*, identificamos “una topografía de las imágenes del recuerdo”<sup>10</sup>. Todas as descrições de espaços nos aforismos desse texto são demasiadamente imagéticas, recurso benjaminiano – a partir de uma experiência com a linguagem – de misturar gêneros, de, acima de tudo, tornar o discurso do texto realizável, dando-lhe materialidade, aproximando o texto da realidade, a forma de seu conteúdo, fazendo-o por meio de uma imagem visual. Os recursos de Benjamin que poderíamos, de maneira geral, chamar de retóricos, são os que têm a capacidade de “mimetizar os objetos de sua reflexão”, permitindo à “linguagem efetuar aquilo que está escrevendo ou debatendo”<sup>11</sup>.

Podemos pensar que o recurso retórico utilizado pelo filósofo alemão, quando mimetiza os objetos, é, fundamentalmente, o da personificação ou prosopopeia, que é a figura de linguagem que dá vida e projeta, transfere sentimentos e ações humanas às coisas e à matéria inanimada. Esta figura retórica de linguagem é mui-

<sup>8</sup> Walter BENJAMIN, *Passagens*, trad. Irene Aron, Cleonice Paes Barreto Mourão e Patrícia de Freitas Camargo, 2006, pág. 505.

<sup>9</sup> Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas II, Rua de mão única*, trad. R. Torres Filho et al., São Paulo: Brasiliense, 2009, págs. 18-19.

<sup>10</sup> Sigrid WEIGEL, *Cuerpo, imagen y espacio en Walter Benjamin*, op. cit., pág. 58.

<sup>11</sup> Susana Kampff LAGES, *Walter Benjamin: tradução e melancolia*, São Paulo: EDUSP, 2007, pág. 110.

to utilizada em fábulas, contos de fada, enfim, nas narrativas clássicas e orais que Benjamin tanto admirava<sup>12</sup>.

Pensamos que o autor mimetiza os objetos em sua reflexão porque manipula a forma da obra, constrói uma narrativa a partir do movimento da memória, tanto em sua tenra *Infância berlinense de 1900*, como também no movimento da viagem, do espaço da cidade, da topografia da capital russa, em *Diário de Moscou*. Se pensarmos que nas duas obras ele realmente escreve a partir da noção de topografia de suas recordações, estaremos também apostando na tese de Bolle – que, em determinado sentido, se aproxima da de Weigel –, mais precisamente no que diz respeito à “fisiognomia”<sup>13</sup> de uma cidade (Berlim, Moscou): uma escrita de imagens, de rastros, pistas.

O aspecto espacial que o berlinense reconhece em Moscou pretende ser uma topografia dos objetos e das pessoas. A maneira de fazer uma análise de uma cidade para ele parece ser, em tal caso, a da observação cuidadosa de seu aspecto fisiônico, topográfico, posto que suas elucubrações e reflexões são descritivas, na tentativa de mostrar a “realidade das coisas” e não de fazer formulações sistemáticas<sup>14</sup>. A análise de Benjamin não precede de uma “teoria”, pelo contrário, ele

<sup>12</sup> Cf. Um exemplo de prosopopeia nos textos do próprio Benjamin: “A árvore e a linguagem. Subi um talude e deitei-me sob uma árvore. Era um choupo ou um amieiro. Por que não retive sua espécie? Porque, de súbito, enquanto olhava a folhagem e seguia seu movimento, a linguagem em mim foi de tal modo arrebatada pela árvore que as duas, ainda mais uma vez, consumaram em minha presença o antiquíssimo enlace. Os ramos, e com eles a copa, balançavam-se pensativos ou dobravam-se renunciantes; os galhos mostravam-se complacentes ou arrogantes; a folhagem eriçava-se contra uma rude corrente de ar, estremecendo diante dela ou lhe fazendo frente; o tronco dispunha de um bom pedaço de solo sobre o qual se assentar; e uma folha lançava sua sombra à outra. Uma brisa tocava música de bodas, e logo a seguir, como um discurso de imagens, levou por todo o mundo os rebentos que haviam rapidamente brotado desse leito.” Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas II*, op. cit., pág. 264.

<sup>13</sup> Cf. Willi Bolle aposta na noção de “fisiognomia” retirada de Lavater: “A fisiognomia – neologismo introduzido aqui para expressar um vaivém entre o objeto estudado, a “fisionomia” da cidade e o olhar do “fisiognomista” – é uma técnica de leitura da cultura e da sociedade que remonta a uma tradição fundamentada por Johann Caspar Lavater (1741-1801), com seus *Fragmentos Fisiognômicos*. Vivendo o choque entre o surgimento da grande cidade contemporânea e a cultura tradicional do campo, o autor suíço-alemão procurou elaborar um *vademecum* para quem se aventurasse adentro as grandes cidades, no sentido de poder detectar o caráter dos transeuntes anônimos a partir da leitura de seus traços exteriores. Apesar dos pressupostos um tanto ingênuos, a obra de Lavater suscitou interesse pelo seu valor empírico, influenciando a criminalística, a antropologia, a psicologia social, e alguns dos escritores mais lúcidos da Modernidade, entre eles Edgar A. Poe, Baudelaire, os surrealistas e Benjamin.” Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*, São Paulo: EDUSP, 2000, págs. 19-20.

<sup>14</sup> A frase a seguir é retirada do contexto do livro *Passagens*, contudo revela o método que perpassa sua obra como um todo: “Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas.

parece estar inteiramente aberto para aquilo que a cidade “tem a dizer”. Em outras palavras, parece montar um quebra-cabeça quando observa cada elemento de uma casa, cada expressão do rosto humano, perguntando-se do que é constituído, fazendo associações livres, numa tentativa de encontrar elementos semióticos, inteligíveis por si mesmos.

## 1 OS LIMIARES ENTRE A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA NA MOSCOU DO FILÓSOFO-VIAJANTE

Nenhum abismo nos separa do passado, apenas a mudança da situação.

Alexander Kluge

A memória é um aspecto importante no que diz respeito a uma educação estética, a estética da paisagem, da materialidade urbana. Ela significa o lugar de encontro entre aquilo que está presente, próximo, e o que está distante, ausente. Nessa dialética, construímos uma memória individual e coletiva, as quais nos compõem como sujeitos históricos. O que nos permite fazer a narração de uma cidade – nos moldes de *Diário de Moscou*, por exemplo – é o contraponto com o que já recolhemos de material durante nossa existência, isto é, a matéria daquilo que somos formados: lembranças, vivências, o material da nossa experiência de vida. Não à toa Benjamin relata que o próprio Leskov só começara a escrever tardiamente, aos 29 anos, depois de realizar diversas viagens pela Rússia, que se transformaram em conteúdos de sua experiência, mais tarde retomados por sua memória e representados em contos, por meio de sua produção artístico-literária<sup>15</sup>.

Benjamin talvez realize o mesmo no recolhimento de suas impressões ao descrevê-las num diário. O uso deste para deixar registro dos acontecimentos da nossa existência mostra uma forma original de se relacionar com a memória – individual ou coletiva. É uma forma de escrita que representa, de alguma maneira, uma necessidade de não deixar se perder as experiências, os fatos, os episódios da vida cotidiana, histórica, em que a memória é alargada. O leitor que desvenda os mistérios, as profundezas da alma e da existência do autor do diário, sente-se lado a

---

Porém, os farrapos, os resíduos [lixo]: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os.” Walter BENJAMIN, *Passagens*, op. cit., pág. 502.

<sup>15</sup> Cfr. Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., págs. 199-200.

lado com ele, numa íntima relação entre o narrador e o ouvinte. Talvez esse gênero de escrita reconstrua o modo como as narrativas orais eram realizadas, sem a necessidade da presença física daquele que vivenciou determinado universo narrado numa localidade específica. O diário possui um tom familiar e uma proximidade com aquele que lê. O ato da leitura, por sua vez, renova continuamente os episódios ali narrados e a memória daquele que escreveu.

Analisando o *Diário de Moscou* a partir, especificamente, da perspectiva da memória coletiva, encontramos um Benjamin bastante sóbrio nas descrições sobre a consolidação do partido comunista na capital russa. Como “documento histórico” de Moscou, a obra tornou-se um livro de “observação não censurada da cena política e cultural”<sup>16</sup> da cidade, um registro importante sobre o que seria o socialismo real. Willi Bolle destaca uma passagem do *Diário* importante de se transcrever pelo caráter pseudoformador do comunismo, ao impossibilitar o acúmulo de *experiências*, na promoção apenas de palavras de ordem:

“No plano da política interna, o governo tenta suspender o comunismo militante. [...] Por outro lado, na liga dos pioneiros, na Komsomol, a juventude recebe uma educação “revolucionária”. Isso significa que *ela apreende o elemento revolucionário não como experiência, mas como palavra de ordem*. Observa-se a tentativa de parar a dinâmica do processo revolucionário na vida do Estado – queira-se ou não, o país entrou na fase da restauração.”<sup>17</sup>

Essa passagem nos faz recordar que, de acordo com a interpretação de Benjamin de uma assertiva freudiana<sup>18</sup>, eventos que necessitam mobilizar o sistema percepção-consciente<sup>19</sup> para aparar os choques provocados tanto pela profusão de estímulos sensoriais, abundantes nas grandes cidades, quanto por acontecimentos traumáticos – para deles não lembrar –, não deixam traços na memória do indivíduo.

<sup>16</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 190.

<sup>17</sup> Bolle *apud* Benjamin. Cf. Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 190. O destaque em letra cursiva é nosso.

<sup>18</sup> Sigmund FREUD, “Além do princípio do prazer”, *Obras completas volume 14*, trad. P. C. de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>19</sup> Seguindo a interpretação de Benjamin, a consciência, ao ser mobilizada, agiria como proteção contra os estímulos, contra os excessos de excitações provenientes do mundo exterior. Rouanet explica que o sistema percepção-consciência seria “[...] dotado de um *Reizschutz*, de um dispositivo de defesa contra as excitações, que filtra as formidáveis energias a que está exposto o organismo, só admitindo uma fração das excitações que bombardeiam continuamente o sistema percepção-consciência. Ao serem interceptadas pelo *Reizschutz*, as excitações demasiadamente intensas produzem um choque traumático”. Sergio Paulo ROUANET. *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008. págs. 44-45.



Em uma palavra, não se constituem como experiência<sup>20</sup>, o que também contribui para o enfraquecimento de uma memória coletiva: “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo”<sup>21</sup>. Na citação acima parece haver, como Benjamin indica indiretamente, uma tentativa de manipulação da consciência de classe por meio de uma linguagem de prontidão, imperativa. Esse controle das mentalidades parece ser potencializado em função do nível de instrução inferior da população russa. Logo no início do *Diário*, se evidencia como se dá a pobreza de formação do povo na capital moscovita: “Método para escrever na Rússia: expor amplamente o material e, se possível, nada mais”. É necessária essa sintetização das ideias pela referida insuficiência nas letras pelo povo, considerando que “as formulações permanecem inevitavelmente incompreendidas”<sup>22</sup>.

O cultivo das memórias pessoais do autor se coaduna com a memória coletiva. Sua história individual forma-se junto à descoberta de um modo de condicionamento social, coletivo. Há, nas formulações benjaminianas entre memória pessoal e coletiva, uma dialética, uma correlação necessária na construção de cada âmbito, tanto o pessoal quanto o público.

No texto, Benjamin menciona frequentemente as diferenças entre a condição burguesa e o estilo de vida proletário. Em um dos trechos do *Diário*, essa diferença emerge de um comentário a respeito da decoração dos interiores das casas russas por ele visitadas. De modo distinto das residências burguesas – que pelo conforto isolam seus moradores do espaço da rua, do espaço público, e representam uma espécie de último refúgio do que sobrou de um sujeito que correspondia a esses espaços<sup>23</sup> –, para Benjamin os lares pequeno-burgueses da capital russa expressavam o quanto o regime comunista havia tornado insustentável a vida na esfera doméstica:

---

<sup>20</sup> “Quanto maior é a participação do fator do choque em cada uma das impressões, tanto mais constante deve ser a presença do consciente no interesse em proteger contra os estímulos; quanto maior for o êxito com que ele operar, tanto menos essas impressões serão incorporadas à experiência [Erfahrung], e tanto mais corresponderão ao conceito de vivência [Erlebnis].” Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., pág. 111.

<sup>21</sup> Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., pág. 106.

<sup>22</sup> Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 20.

<sup>23</sup> Cfr. Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, trad. J. C. Martins Barbosa e H. Alves Baptista, São Paulo: Brasiliense, 2010, págs. 103-149.

“Como todas as salas que tenho visto (a de Granovsky, de Illés), também esta contém poucos móveis. Sua aparência desolada, pequeno-burguesa, torna-se ainda mais deprimente por ser escassamente mobiliada. Mas é essencial para a decoração pequeno-burguesa que seja completa: que as paredes estejam cobertas por quadros, o sofá por almofadas, as almofadas por capas, consoles por quinquilharias, as janelas por vidros coloridos. [...] Nesses aposentos que se parecem com hospitais militares após a última inspeção, as pessoas só suportam a vida porque sua maneira de viver se aliena de seu ambiente doméstico. Vivem mais no escritório, no clube, na rua.”<sup>24</sup>

Esse trecho é um exemplo de como a esfera pública e a doméstica, privada, possuíam conflitos e discrepâncias gritantes: uma desarmonia social que se reflete nas práticas, nos costumes e modos de vida<sup>25</sup>. Benjamin ainda menciona o “fatalismo russo”, o conformismo de um povo sem consciência política. A tentativa do governo de melhorar a existência das pessoas, do “avanço premeditado rumo à civilização”, só aumenta a distância em relação ao âmbito privado, servindo “apenas para complicar a existência individual” – conclusão a que chega o filósofo no comentário sobre o fornecimento de luz quase sempre interrompido pelo governo (o uso de velas sendo a melhor solução)<sup>26</sup>.

Em suas reflexões políticas na obra *Entre o passado e o futuro*<sup>27</sup>, a filósofa alemã Hannah Arendt levanta essa discussão sobre o uso da autoridade, isto é, das diferenças não respeitadas entre o domínio público e o privado. Para ela, a tentativa de persuasão por palavras de ordem ou mesmo o uso da força para dominar um povo é utilizada quando não há mais o poder da autoridade, quando esta perde a credibilidade. Essa mesma autoridade pervertida transforma-se, por conseguinte, em coerção, autoritarismo pela força, e isso se deve ao fato de ela pressupor sempre obediência. Por esse motivo, o poder e a violência são confundidos com aquela. O

<sup>24</sup> Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 35.

<sup>25</sup> Cfr. “O bolchevismo acabou com a vida privada. A burocratização, a atividade política, a imprensa, são tão poderosas que não resta tempo para interesses que não coincidam com elas. Nem tempo, nem espaço. As casas que antes acolhiam uma única família nas suas cinco a oito divisões alojam agora oito. Atravessando a porta do vestibulo entra-se numa pequena cidade. Muitas vezes também num acampamento. Há camas logo no átrio. Só há espaço para acampar entre quatro paredes, e muitas vezes o parco inventário é apenas o que restou dos bens da pequena burguesia, agora ainda mais deprimentes, porque o quarto está miseravelmente mobiliado”. In: Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 146.

<sup>26</sup> Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 40.

<sup>27</sup> Cfr. Hannah ARENDT, “Que é autoridade?”, *Entre o passado e o futuro*, São Paulo: Perspectiva, 1979.

próprio fato de perguntarmos hoje o que é autoridade evidencia a perda da mesma no mundo moderno. Isso explica o crescente uso da força física, do convencimento, da manipulação pelos sentidos do corpo realizado por regimes totalitários, como o russo. Reconhecemos que “o desenvolvimento de uma nova forma totalitária de governo, tiveram lugar contra o pano de fundo de uma quebra mais ou menos geral e mais ou menos dramática de todas as autoridades tradicionais”<sup>28</sup>.

A dissolução e o esfacelamento da esfera particular<sup>29</sup> e a intromissão do governo em assuntos privados acarretam uma diminuição da liberdade individual e reduzem, por consequência, a atuação desse mesmo sujeito na esfera pública, no uso público da sua razão<sup>30</sup>. Dessa forma, o uso da liberdade comprometida significaria um refreamento também do espaço da ação e da experiência autêntica<sup>31</sup>.

A imagem da perversão entre esses dois espaços se mostra tênue também na descrição que Benjamin faz da fisionomia da cidade-metrópole, lugar em que, “não há uma demarcação clara entre a calçada e o leito da rua: neve e gelo abolem a diferença de nível”<sup>32</sup>. Nos registros das observações benjaminianas de Moscou, percebemos também a demarcação pouco precisa entre aquilo que é característico da vida camponesa, artesanal, e aquilo que é próprio de um espaço urbanizado, havendo, por isso, uma predominância do primeiro: “diante das lojas estatais quase sempre há cordões: é preciso esperar na fila para comprar manteiga e outros artigos importantes. Existe uma infinidade de lojas e um número maior de ambulantes, cuja mercadoria consiste em nada mais do que um cesto cheio de maçãs [...]”<sup>33</sup>.

Ao mesmo tempo em que parece ser um centro cultural rico, Moscou mostra que pertence à memória de um passado provinciano, posto que sua estrutura física ainda é precária: “não há caminhões em Moscou, furgões de entrega etc. Tudo, das menores compras às maiores entregas, tem de ser transportado em minúsculos trenós conduzidos por um *izvozchik* [cocheiro]”<sup>34</sup>.

<sup>28</sup> Ibid, pág. 128.

<sup>29</sup> A “danificação da vida privada” não é fruto apenas de regimes totalitários. Em Benjamin, podemos localizar essa problemática no referido ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”. O tema também é recorrente em Adorno, como bem expressa seu magistral livro – certamente de inspiração benjaminiana – *Mínima moralia*. Cfr. Theodor W. ADORNO, *Mínima moralia: reflexões a partir da vida lesada*, trad. G. Cohn, Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

<sup>30</sup> Cfr. Hannah ARENDT, “Que é autoridade?”, op. cit., págs. 189-190.

<sup>31</sup> Hannah ARENDT, “Que é autoridade?”, op. cit., pág. 192.

<sup>32</sup> Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 26.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> Walter BENJAMIN, *Diário de Moscou*, op. cit., pág. 28.

Destarte, o *Diário* de Benjamin parece – na tentativa de reconstruir a memória coletiva da capital russa – evidenciar, de modo emblemático, os momentos de fratura, resultantes da urbanização e industrialização tardia, mas em ritmo acelerado, de uma sociedade até pouco tempo agrária, com elementos que constituíam a vida moral de uma sociedade pré-burguesa, como as comunidades aldeãs. Como dito anteriormente, essa característica não é exclusiva de Moscou, estando presente em outras grandes cidades que o autor conheceu, mas nela esses elementos de dissonância ainda são bastante visíveis. De maneira geral, a Moscou representada nesses escritos íntimos revela a crise da autoridade, da tradição, da liberdade, da cultura, da educação e da política.

Benjamin refere-se a Moscou como a “Metrópole improvisada”, uma vez que recebeu “status da noite para o dia”, sem condição social e industrial seguras. Não há ainda um apelo imagético (*Bildhaft*) ou sensorial por parte das lojas e das instituições, pois tudo parece viver da improvisação<sup>35</sup>. Por essa razão, Moscou parece ser o centro da noção de limiar, de um entre-lugar, que tanto menciona o viajante. Ela é resultado de uma transformação do fenômeno moderno da industrialização que ainda não está terminada, consolidada. Esse grau elevado de improvisação social resulta em ambiguidades e dificuldades de adaptação de seus habitantes. O espírito da população russa, pelas descrições de Benjamin, é equivalente às próprias discrepâncias da cidade.

Em se tratando da educação, encontramos, pelas descrições realizadas, um fator determinante de controle social, devido ao agravante fato do “grau de instrução do público [ser] tão baixo que as formulações permanecem inevitavelmente incompreendidas”<sup>36</sup>, tornando-se fácil sua manipulação. Na Moscou analisada pelo autor, existe também um controle social dos corpos, das leis, e uma consequente atrofia da experiência e da memória, tal como nos interessa ressaltar neste artigo. A educação dos proletários russos, pelos livros, não parece ser possível devido ao exorbitante valor cobrado por um exemplar. O provincianismo ainda está presente nas audiências públicas, nas quais abundam argumentos primitivos e análises rasas<sup>37</sup>. As escolas possuem um aspecto físico artesanal, rústico, e são o lugar de propaganda do governo. Benjamin parece ressaltar essa ambiguidade:

---

<sup>35</sup> Ibid, pág. 42.

<sup>36</sup> Ibid, pág. 20.

<sup>37</sup> Ibid, págs. 60-62.

“Achei as salas de aula muito interessantes, com suas paredes parcialmente cobertas por inumeráveis desenhos e figuras de papelão. É como se o muro de um templo, nos quais as crianças oferecem seus próprios trabalhos como presentes para a coletividade. O vermelho é a cor dominante nesses lugares. Eles estão repletos de estrelas soviéticas e perfis de Lenin. Nas salas de aula, as crianças não se sentam em carteiras, mas em mesas com longos bancos. Dizem “Zdravstvuitie” [bom-dia] quando você entra. Como o estabelecimento não lhes fornece roupas, muitas têm um aspecto muito pobre.”<sup>38</sup>

Essa face não tão oculta da modernidade, vista pelo lado dos excluídos, os não plenamente adaptados à nova ordem social – capitalista ou socialista, ambas “modernas” –, também é possível de ser encontrada, de maneira bastante pontual, nos vendedores ambulantes de Moscou:

”Ainda a respeito do comércio ambulante. Todos os artigos natalinos (lantejoulas, velas, castiçais, enfeites de árvores, além de árvores de natal) continuam sendo oferecidos depois do dia 24 de dezembro. Acho que até a segunda celebração, a eclesiástica. – Comparação de preços nas barracas com os das lojas estatais. Comprei o *Berliner Tagblatt* do dia 20 de novembro no dia 8 de dezembro. Na Kusnetzky most, um menino batendo objetos de cerâmica, pratos e tigelinhas minúsculas, um contra o outro para provar sua solidez. No Okhotny Riad, uma cena estranha: mulheres exibindo na mão aberta, sobre uma camada de palha, um único pedaço de carne crua, uma galinha ou algo semelhante, e oferecendo-o aos transeuntes. São vendedoras sem licença. Não têm dinheiro para pagar a licença para uma barraca, nem tempo para esperar na fila por um dia ou uma semana a fim de obtê-la. Quando chega a milícia, simplesmente fogem com sua mercadoria.”<sup>39</sup>

Benjamin denuncia em seu *Diário* as contradições de práticas do governo: despolitização dos cidadãos, controle das mentalidades pela alienação através do patriotismo exacerbado praticado pela propaganda russa (controle dos meios de comunicação, da propaganda pelo partido comunista), tentativa de “acordos comerciais com Estados imperialistas”, além de crescentes problemas na educação russa.

Como contraponto à falta de estrutura generalizada e, sobretudo, ao solapamento da esfera do particular e da memória individual na Moscou registrada pelo au-

---

<sup>38</sup> Ibid, pág. 40.

<sup>39</sup> Ibid, pág. 66.

tor, a memória pública coletiva está preservada nos museus e igrejas. Benjamin refere-se à história russa com acentuada ênfase quando visita seus museus, ao achar peças para sua coleção – como um brinquedo artesanal ou caixas de madeira – em lojas de antiguidades, ou ao entrar em igrejas antigas. Ele coteja e identifica a história e os costumes russos por meio de sua história e memória materiais, comparando-os com um livro ilustrado:

“[...] As coisas mais antigas parecem datar da segunda metade do século XVIII, esse museu dá uma visão da história da pintura russa no século XIX, um período durante o qual predominava a pintura retratando os costumes e a paisagem. O que vi me leva à conclusão de que os russos são o povo europeu que mais intensamente desenvolveu a pintura que retrata costumes. Estas paredes repletas de quadros narrativos, representações de cenas da vida de diferentes camadas da população, transformam a galeria em um grande livro ilustrado.”<sup>40</sup>

Conforme abordado, o *Diário de Moscou* trabalha, em primeiro plano, com a memória da estadia de Benjamin na capital moscovita, quando sua memória está sendo formada e elaborada na construção dos relatos do *Diário*. Simultaneamente, em segundo plano, vemos uma análise dura da realidade russa, da consolidação de um regime negligente com seu povo e com a estrutura de uma metrópole moderna.

Moscou parece ser o lugar em que o autor consegue ler a Europa, com todas as suas contradições, no limiar entre os séculos XIX e XX. Nos relatos redigidos após sua chegada a Berlim, Benjamin acrescenta conteúdos reveladores ao dia 30 de janeiro de 1927 que evidenciam o modo como ele interpretava a vida nas grandes cidades europeias: “Para alguém que vem de Moscou, Berlim é uma cidade morta. As pessoas na rua parecem desesperadamente isoladas, cada qual a uma grande distância da outra, totalmente sozinhas no meio de um grande trecho de rua”<sup>41</sup>. Essa passagem mostra que visitar Moscou modificou a percepção da cidade natal que o filósofo alemão nutria, posto que a imaginação sobre a metrópole se amplia, ganhando um caráter social, reconstruído por contraste com a capital russa. “Por menos que se tenha conhecido a Rússia, aprende-se a observar e julgar a Europa tendo em mente aquilo que se passa na Rússia. Este é o primeiro resultado com que se depara o europeu atento”<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Ibid, pág. 94.

<sup>41</sup> Ibid, pág. 132

<sup>42</sup> Ibid, pág. 132.

Esse último trecho talvez revele o caráter de tensão que passava Berlim nesse período, ao mesmo tempo em que representa também certa idealização – pela memória – da capital russa, como representante do coração de um novíssimo mundo: “Moscou foi virtualmente libertada do som dos sinos, que costuma disseminar uma tristeza tão irresistível pelas grandes cidades. Isto também é algo que só após a volta se aprende a reconhecer e amar”<sup>43</sup>.

A noção de uma memória coletiva em *Diário de Moscou* é relevante a partir da perspectiva da memória-histórica-política de uma nação comunista e todos os conflitos, contradições, ambiguidades, tensões e expectativas referentes a esse momento histórico. Interessante pensar também as consonâncias e dissonâncias de Moscou com a Berlim benjaminiana. Por mais que o filósofo retome a Berlim da infância na virada do século, sua retrospectiva histórica é feita por volta de 1930, ou seja, logo após sua viagem à capital russa. Diante disso, será que Moscou é o contraponto de Berlim?

## 2 A FORMAÇÃO DA ESFERA INDIVIDUAL E COLETIVA NA BERLIM DA INFÂNCIA BENJAMINIANA

Um odor fino e suave de heliotrópio se exalava de um canteiro de favas em flor; não o trazia a brisa da pátria, mas o vento selvagem da Terra-Nova, alheio à planta exilada, sem simpatia de reminiscências e de volúpia. Neste perfume, não inspirado pela beleza, não depurado em seu seio, não esparzido a sua passagem, nesse perfume carregado de aurora, de cultura e de humanidade, havia todas as melancolias das saudades, da ausência e da juventude.

Marcel Proust

Essa imbricação entre memória pessoal e histórica coletiva, entre indivíduo e sociedade, entre esfera privada e esfera pública, aparece também na obra *Infância berlinese: 1900*. A experiência sensorial e o papel da memória abordados neste texto, que discorre acerca da infância do autor, podem ser analisados a partir de dois ângulos complementares. O primeiro plano seria a tentativa de resgatar a memória

<sup>43</sup> Ibid, pág. 133.

involuntária, aquela reminiscência induzida realizada por Marcel Proust em sua famosa obra de formação, *Em busca do tempo perdido*. Em um segundo plano, poderíamos analisar a experiência histórica de uma criança burguesa na Berlim da virada do século XIX para o XX, pois: “O mapa da memória do eu e o mapa da cidade se sobrepõem, não é possível desenhar um sem o outro”<sup>44</sup>.

Benjamin, em seu texto “Sobre alguns temas em Baudelaire”<sup>45</sup>, analisa a atrofia da memória entrelaçada ao empobrecimento da experiência (*Erfahrung*), mobilizando, entre outros elementos da obra literária de Proust, o tema da memória involuntária. É pela impossibilidade social de se realizar experiências no sentido autêntico – capazes de fornecer materiais e elementos para a reminiscência, para a memória, e que se tornem transmissíveis e comunicáveis de geração a geração – que ocorre uma incapacidade de acumulação de conteúdos exemplares de vida que o sujeito possa rememorar<sup>46</sup>. Por isso a obra de Proust é tão relevante para Benjamin, pois o literato francês realiza, por meios artificiais, ou seja, pela literatura, restritos à esfera privada – porque não mais possível na esfera pública –, a experiência da memória involuntária.

Poderíamos supor aqui a mesma tentativa em Benjamin, uma vez que, mediado pelas memórias do adulto, ele traz para o primeiro plano da consciência fatos, lembranças, acontecimentos, reminiscências de sua infância, de seu passado na Berlim de 1900. Sua memória parece aquela da experiência sensorial de Proust na Combray de sua infância: a da crença de que o passado encontra-se “em um objeto material qualquer, fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação”<sup>47</sup>, ou seja, no perfume de um pilriteiro, na areia de uma alameda, no chá com madalena e tantas outras descrições sensoriais que o francês descreve em sua obra monumental. E mais: Proust identificou a realização, a união possível entre dois elementos – o individual e o coletivo, acreditando que “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo”<sup>48</sup>. Para Benjamin, Proust ainda pretendia resgatar a figura do narrador perdida na modernidade, e por isso escreveu uma obra em que narra sua própria trajetória desde a infância.

<sup>44</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 318.

<sup>45</sup> Cf. Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, op. cit.

<sup>46</sup> Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, op. cit., pág. 107.

<sup>47</sup> Proust *apud* Benjamin. In: Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, op. cit., pág. 106.

<sup>48</sup> Walter BENJAMIN, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, op. cit., pág. 107.



Willi Bolle também reconhece em Proust o verdadeiro modelo da obra de memória de Benjamin. Mais que isso: para ele, o alemão parte da obra do francês para pensar a dialética entre o presente e o passado, como sugere a linha do tempo montada por Bolle e reproduzida a seguir:<sup>49</sup>

Eu recordado ~~~~~ (Tempo perdido)	Infância berlinense por volta de 1900 ~~~~~ 1932-1934	História social do século XIX ~~~~~ Experiência dos anos 1923-1938
--	--	--

Benjamin pensa em fazer o mesmo com *Infância berlinense*, conforme Proust fez em suas recordações de infância em Combray: propositalmente ele dedica a obra a seu único filho, Stefan Benjamin<sup>50</sup>, como um gesto de “herança”, um patrimônio, uma memória de sua vida, num movimento de transferência da história individual de uma geração para outra, um legado.

Bolle acredita que a criança – como tentativa de recuperar o gênero narrativo e a memória coletiva e individual – representaria uma figura de resistência. Ela não possui gestos, comportamentos e movimentos corporais condicionados pelas regras de bom comportamento: na verdade, procura transgredir sempre que consegue. Por isso, Bolle acredita que o filósofo tentara, por meio da imagem de uma criança – ele mesmo –, fundar um “modelo de civilidade”<sup>51</sup>, um mundo que não é idealizado, em que as diferenças são notadas e ressaltadas pelo adulto Benjamin. A dialética entre o adulto que projeta seus desejos e a memória recuperada da criança do passado, de uma época específica da memória, é tema constante nos aforismos da obra:

<sup>49</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 321. Essa linha do tempo montada por Bolle torna mais clara as semelhanças entre os autores no que diz respeito à tentativa de montar uma historiografia moderna usando a própria história individual como “motivo” ou “pretexto”.

<sup>50</sup> “Infância em Berlim por volta de 1900, ou seja, Crônica berlinense por volta de 1933 – é o relato de um pai que, no ato de escrever, se transforma em criança. O patrimônio que ele transmite se chama infância: a de uma criança que se mascara em palavras, se esconde em objetos ou seres imaginários, se transforma através do brincar”. Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 351.

<sup>51</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 346.

“Apesar de o mundo dessa criança ser calafetado por todos os lados, existem frestas pelas quais ela percebe o mundo lá fora. Mesmo dentro do apartamento não é possível não ver o trabalho das empregadas; não dá para não ouvir as batidas com que se limpam os tapetes no quintal, batidas essas qualificadas de “idioma da camada de baixo”. Sem falar da aprendizagem das relações sociais na época de Natal... A partir daí, a criança se dá conta de que está “presa no seu bairro”, um “bairro de proprietários”, um gueto com relação ao resto da cidade. Para os habitantes dos bairros nobres, o “resto” da população é marginal: pobres, mendigos, prostitutas, criminosos”. /(...) Os desejos de destruição da criança se transformam no escritor adulto em energia crítica. Sua crítica visa um mundo caduco onde as coisas estão deformadas e fora de lugar. Rememorando, pelo prisma da Berlim de 1933, a Berlim imperial de 1900, o crítico verifica, como por uma lente de aumento, latentes energias destrutivas e autodestrutivas dentro da sociedade alemã, que seriam estimuladas pelo Estado totalitário.”<sup>52</sup>

Segundo Benjamin, as premissas para os acontecimentos que desencadeariam nas práticas antissemitas durante a década de 1930 já se encontravam semeadas no solo da Berlim de 1900: “as imagens da minha infância na grande cidade talvez estejam predestinadas, no seu núcleo mais íntimo, a antecipar experiências históricas posteriores”<sup>53</sup>.

Um aforismo que relata a experiência da memória coletiva em relação àquela individual da criança berlinense é o já mencionado “Telefone”. Nele, Benjamin parece aludir ao “homem sem conteúdo”<sup>54</sup>, ao início do processo moderno que desencadeou o sintoma do empobrecimento da experiência humana individual e coletiva. O telefone representaria o isolamento do indivíduo das relações sociais<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> Ibid, págs. 348-349.

<sup>53</sup> Walter BENJAMIN, “Palavras prévias”, *Infância berlinense:1900*, Lisboa: Assirio e Alvim, 2004.

<sup>54</sup> Alusão ao título do primeiro livro de Giorgio Agamben, com clara referência ao “homem destituído de experiência” de Benjamin. Cfr. Giorgio AGAMBEN, *O homem sem conteúdo*, trad., notas e posfácio C. Oliveira, Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

<sup>55</sup> E também o advento da imprensa, com os folhetins e os jornais impressos, como formas de comunicação – o gesto repetitivo de folhar a página do jornal e do romance – modificaram a relação do corpo com a linguagem e com a imaginação: “os princípios da informação jornalística (novidade, concisão, inteligibilidade e, sobretudo, falta de conexão entre uma notícia e outra) contribuem para esse resultado, do mesmo modo que a paginação e o estilo linguístico. [...] Há uma rivalidade histórica entre as diversas formas de comunicação. Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência”. Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., págs. 106-107.

O gesto entorpecedor<sup>56</sup> do telefone, que paralisa o movimento dos braços, das mãos e da face – diferente do que acontecia nas narrativas orais, em que os gestos eram tão importantes quanto a fala, a palavra na transmissão da história, ou melhor, no compartilhamento da história (já que o ouvinte é peça chave no ato de narrar, não um sujeito passivo)<sup>57</sup> –, condensaria, como um foco, a relação entre corpo, experiência e memória na modernidade, na qual memória individual e coletiva estão imbricadas inseparavelmente. O gesto físico da mão paralisada no telefone não seria um sintoma do engessamento do corpo, de uma tentativa de “adestramento” dos sentidos, em que os gestos já não teriam a implicação que existia nas narrativas orais, pois a dinâmica dos novos tempos exigiria a abreviação da linguagem?

Voltando à representação da memória coletiva na obra em questão, poderíamos deduzir que o aforismo “Atrasado” refere-se a uma imagem da criança burguesa imersa na mentalidade da Berlim de então. Bolle<sup>58</sup> chama a atenção para a concepção de que a criança, nesse período, ainda é vista como “um adulto em miniatura”<sup>59</sup>, uma tábula rasa<sup>60</sup>, um ser incompleto sempre em comparação com o

---

<sup>56</sup> Cfr. “As suas verdadeiras orgias vinham-lhes da manivela, à qual se entregava durante minutos, até se esquecer de si. A sua mão transformava-se então num dervixe dominado pelo transe”. In: Walter BENJAMIN, *Imagens de pensamento*, op. cit., pág. 80.

<sup>57</sup> Cfr. Transcrevo uma passagem de Italo Calvino no que diz respeito à narração: “– Eu falo, falo – diz Marco –, mas quem me ouve retém somente as palavras que deseja. Uma é a descrição do mundo à qual você empresta a sua bondosa atenção, outra é a que correrá os campanários de descarregadores e gondoleiros às margens do canal diante da minha casa no dia do meu retorno, outra ainda a que poderia ditar em idade avançada se fosse aprisionado por piratas genoveses e colocado aos ferros na mesma cela de um escriba de romances de aventuras. Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. Italo CALVINO, *As cidades invisíveis*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008, pág. 123.

<sup>58</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 346.

<sup>59</sup> Cfr. “[...] Até o século XIX adentro o bebê era inteiramente desconhecido enquanto ser inteligente e, por outro lado, o adulto constituía para o educador o ideal a cuja semelhança ele pretendia formar a criança”. In: Walter BENJAMIN, “Brinquedos e jogos”, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, trad. Marcus Vinicius Mazzari, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2009, pág. 98.

<sup>60</sup> No *Ensaio acerca do entendimento humano*, John Locke afirma que o homem nasce como uma tábula rasa, sem conhecimentos prévios ou inatos. Essa teoria fora sustentada na pedagogia, afirmando então que a criança é um ser que precisa ser “preenchido” por conhecimentos válidos adquiridos da experiência. “Todas as idéias derivam da sensação ou reflexão: suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel em branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer idéias; como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. [...] Observável nas crianças: quem considerar com atenção a situação de uma criança quando vem ao mundo quase não terá razão para supor que ela se encontra com uma abundância de ideias que se constituirão o material

“adulto completo”, o ideal a ser alcançado e realizado<sup>61</sup>. A criança não teria ainda o estatuto social que Rousseau reivindicara no Emílio, ainda não haveria uma noção de criança com valor em si mesma, relativamente independente desse espelho social que seria o adulto. A noção geral que Benjamin parece querer mostrar é de que a dominação do adulto sobre a criança, o controle dos gestos, da fala, das inabilidades – numa palavra, do corpo –, nunca é completa, e os momentos de fissura desse processo se expressariam, por exemplo, na relação da criança com os brinquedos e com os jogos.

Em *Infância berlinense*, a memória choca-se o tempo todo com o presente. Poderíamos mesmo ensaiar aqui que Benjamin, em suas memórias de infância, faz uma tentativa de elaborar o passado no seu cotidiano presente, resgatando sua memória individual. Sua pretensão é a de “chegar a uma qualidade de percepção que tenha as cores e a vivacidade das impressões infantis”<sup>62</sup>. Apesar de sabermos que a biografia e o saudosismo estão em segundo plano no texto em questão, eles exercem um papel relativamente importante na elaboração do passado<sup>63</sup>.

Freud, referência importante na obra de Benjamin, em um texto chamado “Recordar, repetir e elaborar”<sup>64</sup>, afirma que existe um tipo especial de experiência da qual não se pode recuperar lembrança alguma. São experiências que necessitam de tempo para serem assimiladas. Esse tempo é importante na elaboração daquilo que poderíamos chamar de “novos significados e sentidos para a vida”, que ocorrem no presente e que se dão a longo prazo. Poderíamos mesmo pensar que todo o significado da condição humana no presente, em Benjamin, está no passado, visto

---

de seu futuro conhecimento”. John LOCKE, *Ensaio acerca do entendimento humano*, trad. A. Aiex, São Paulo: Nova Cultura, 1999, págs. 57, 59.

<sup>61</sup> “A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e crianças velhas. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas, e para mim seria a mesma coisa exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura e que tivesse juízo aos dez anos”. In: Jean-Jacques ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, trad. S. Millet, São Paulo: Martins Fontes, 2004, págs. 91-92.

<sup>62</sup> Willi BOLLE, *Fisiognomia da metrópole moderna*, op. cit., pág. 358.

<sup>63</sup> “No prefácio de 1938, Benjamin declara que o ‘sentimento de saudade’ e ‘os traços biográficos’ ficaram deliberadamente em segundo plano: ‘Em vez disso, me esforcei em flagrar as *imagens* nas quais a experiência da grande cidade se condensa numa criança de classe burguesa’. [citação de Benjamin]”. Id, pág. 317.

<sup>64</sup> Cfr. Sigmund FREUD, “Recordar, repetir e elaborar”, *Obras completas volume 10*, trad. P. C. de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

que, nas suas memórias de infância, “a repetição é uma transferência do passado esquecido”<sup>65</sup>, e cujo pensamento é marcadamente anacrônico.

Benjamin, em suas teses sobre a história, já havia reconhecido a importância de se retomar o passado para redimi-lo no presente. Por isso, a importância do tempo<sup>66</sup> é notável, visto que é nele que conseguimos fazer o ajuste da história — íntima e coletiva. Lembrando sempre que o tempo aqui é uma interrupção da cronologia histórica conhecida. O tempo é pensado, dessa maneira, como um lugar imóvel, cheio de tensões, ajustamentos e reencontro das gerações. Na *Infância* encontramos um ajuste entre o adulto e a criança numa mesma figura: o próprio narrador berlinense. Um confronto de experiências que sugere uma troca: as memórias da infância são lições para o adulto na verticalidade do tempo presente.

Esses sentidos produzidos na vida adulta são fornecidos pelas experiências da infância. Aqui temos uma resposta do porque trazer à tona lembranças e memórias da infância. Ou seja, para além de qualquer saudosismo do passado ou qualquer memória ressentida de um acontecimento não resolvido, a infância, para o autor, constitui uma tentativa de recuperar uma memória individual. Essa memória individual se constituirá, por extensão, na memória coletiva do sujeito. Dessa forma, produzir sentidos através da memória involuntária constitui parte dos processos formativos da subjetividade humana.

Podemos ainda pensar que o modo como Benjamin representa a si mesmo em *Infância* sugeriria um princípio construtivo, como ele mesmo aponta, embora em outro contexto, em uma de suas teses sobre o conceito de história<sup>67</sup>. Esse princípio construtivo seria a tentativa de uma nova representação da subjetividade, na qual “a verdadeira imagem do ‘eu’ relampeja na consciência do sujeito, que só a captura

<sup>65</sup> Sigmund FREUD, “Recordar, repetir e elaborar”, op. cit., pág. 5.

<sup>66</sup> “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de “agoras”, que ele fez explodir do *continuum* da história. [...]. O materialista histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas para no tempo e se imobiliza. Porque esse conceito define exatamente *aquele* presente em que ele mesmo escreve a história. O historicista apresenta a imagem “eterna” do passado, o materialista histórico faz desse passado uma experiência única”. In: Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., págs. 229-231.

<sup>67</sup> “[...] A historiografia marxista tem em sua base um princípio construtivo[...]”. In: Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., pág. 229.

mediante um esforço de reconhecimento e, ao mesmo tempo, de construção da própria interioridade”<sup>68</sup>.

Podemos ainda reconhecer uma espacialização da escrita, uma vez que cada aforismo ali presente tem sua própria independência, não formando uma síntese de cada fragmento, mas uma “mônada”<sup>69</sup>. Esta, para Benjamin, seria a imagem mais fidedigna da realidade, visto que dá autonomia para o presente, uma vez que nessa “estrutura, ele [o materialismo histórico] reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado reprimido”<sup>70</sup>.

O berlinense quer redimir a memória do esquecimento, trazendo as lembranças de sua história, narrando a própria biografia. Importante ressaltar que, tendo como modelo as narrativas clássicas orais como formas de experienciar a realidade no sentido mais original, autêntico, ligado a uma ideia de representação da verdade – como defende em obras como *Experiência e pobreza* e *O Narrador*<sup>71</sup> –, em *Infância* Benjamin conta sua história sem pretensões de reconstituir fatos. Em suas páginas, o autor busca fazer justiça, através de suas descrições e lembranças, aos espaços pelos quais transitou quando criança, sejam os espaços interiores (que revelam os traços biográficos da experiência, da memória individual) sejam os exteriores (da escola, dos monumentos históricos, que revelam características tanto de uma experiência comum quanto de uma memória coletiva)<sup>72</sup>.

A ideia de uma memória acionada pelo corpo aberto às situações variadas, complexas, com uma gama de elementos responsáveis pela experiência plena é configurada por uma “utilização”, uma abertura das percepções e sentidos do corpo com acentuada ênfase para a categoria de uma corporalidade como um complexo vivo.

---

<sup>68</sup> Pascoal FARINACCIO, “Memória e princípio construtivo em Walter Benjamin”, In: Márcio Moraes Valença (ed.), *Revista Vivência*, Rio Grande do Norte: CCHLA/UFRN, n. 29, 2005, págs. 81-86.

<sup>69</sup> *Ibid*, pág. 84.

<sup>70</sup> Walter BENJAMIN, *Obras escolhidas*, op. cit., pág. 135.

<sup>71</sup> *Ibid*, págs. 197-222.

<sup>72</sup> Cfr. “As imagens da minha infância na grande cidade talvez sejam predestinadas, no seu núcleo mais íntimo, a antecipar experiências históricas posteriores”. In: Walter BENJAMIN, *Imagens de pensamento*, op. cit., pág. 74.